

EDUCAÇÃO PSICOMOTORA NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM AUTISMO

Sara Gonçalves de Jesus¹

RESUMO

O presente estudo surgiu do anseio em pesquisar a importância da educação psicomotora no desenvolvimento cognitivo e motor de crianças com autismo, englobando funções neurofisiológicas e psíquicas imprescindíveis para o relacionamento do indivíduo com o meio e com o outro. Tem como objetivo discutir os fatores que influenciam o desenvolvimento psicomotor da criança com autismo visto que a mesma sofre influências do meio físico e social, de modo que quando o indivíduo interage de forma significativa com o espaço que o cerca são construídas e acumuladas aprendizagens necessárias para uma vida com autonomia, ou seja, para que o sujeito adquira um crescimento global. A fonte de dados foi obtida de revisão bibliográfica referente ao tema proposto nos últimos 30 anos e foram incluídos Livros, revistas e artigos de *sites* científicos conceituados que discorrem sobre a temática. Os resultados encontrados reforçaram a importância da psicomotricidade como instrumento imprescindível para o desenvolvimento global da criança com autismo já que nesse transtorno é comum acontecer atrasos nas áreas de habilidades referentes ao intelecto. Concluiu-se que a Psicomotricidade contribui significativamente para o desenvolvimento psicomotor da criança com autismo, mas não é o único meio, estímulos educacionais não formais e o ambiente no qual o indivíduo está inserido e o próximo também contribuem para ações psicomotoras exercidas sobre o ser humano que possam favorecer comportamentos e transformações.

Palavras-chave: Psicomotricidade; Desenvolvimento global; Autismo.

ABSTRACT

The present study arose from the desire to research the importance of psychomotor education in cognitive and motor development in autism, involving neurophysiological and psychological functions essential to the individual's relationship with the environment and with each other. Aims to discuss the factors that influence the psychomotor development of autism because it is influenced by the physical environment social, so that when the individual interacts significantly with the space that surrounds it are built and the accumulated learning necessary for a life with range, ie so that the subject to acquire a global growth. The source data was obtained through literature review on the topic proposed in recent years which included books, magazines and reputable sites that talk about the issue. The results reinforced the importance of psychomotor as an instrument for the overall development of

¹ Graduada em Bacharelado em Educação Física - Faculdade Nobre/BA. Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em Neuropsicologia – FTC/BA. Graduanda de Licenciatura em Dança-Universidade Federal da Bahia/UFBA. Especializanda em Política do Planejamento Pedagógico: Currículo, Didática e Avaliação- Universidade do Estado da Bahia/UNEB Campus XXIII-E-mail: saraeducfisica@gmail.com

autistic disorder as it often happens that delays in skill areas related to the intellect. It was concluded that the Psychomotricity contributes significantly to the psychomotor development, but is not the only way, stimuli and non-formal educational environment that the individual is inserted and the next also contribute to psychomotor actions performed on humans in which to promote behavior change and.

Keywords: Psychomotor; Global development; Autism.

1 Introdução

A psicomotricidade pode ser considerada a primeira manifestação de movimento do ser humano, pois, desde a fase pré-natal, o feto realiza movimentos corporais que se estruturam e exercem influências comportamentais. O movimento é a expressão de sentimentos, pensamentos e atitudes que se arquivam no inconsciente estruturando o corpo motoramente e psicologicamente promovendo o desenvolvimento global do indivíduo.

A partir dessa colocação é possível perceber que o fator primordial da psicomotricidade é a integração das técnicas com as quais se pode trabalhar o corpo enfocando a educação através dos movimentos pondo em prática as funções intelectuais, observando assim a profunda relação das funções motoras, cognitivas e emocionais que funcionam como uma tríade para o real caminho da psicomotricidade.

A psicomotricidade pode ser entendida como a função de ser humano que sintetiza psiquismo e motricidade com o propósito de permitir ao indivíduo adaptar-se de maneira flexível e harmoniosa ao meio que o cerca. Pode ser entendida como um olhar globalizado que percebe a relação entre a motricidade e o psiquismo como entre o indivíduo global e o mundo externo. Pode ser entendida como uma técnica cuja organização de atividades possibilite à pessoa conhecer de uma maneira concreta seu ser e seu ambiente de imediato para atuar de maneira adaptada. (MEUR; STAES; 1992 *apud* MONTEIRO, 2007, p. 03).

Para Fonseca (1988) a psicomotricidade é concebida a partir da integração superior da motricidade, resultado da relação entre o indivíduo e o meio em que a consciência se forma e se materializa. Fonseca (1989) relata também que a identidade da Psicomotricidade e a validade dos conceitos que emprega para se legitimar revelam uma síntese inquestionável entre o afetivo e o cognitivo, que se encontram no motor, è a lógica do funcionamento do sistema nervoso, em cuja integração maturativa emerge uma mente que transporta imagens e representações que resulta de uma aprendizagem mediatizada dentro dum contexto sócio-cultural e sócio-histórico.

A psicomotricidade é a ciência que estuda o homem a partir do seu corpo em movimento em relação ao seu mundo interno e externo através de suas possibilidades de interação com objetos, com outros indivíduos e consigo mesmo. Também está relacionada ao processo de maturação, em que o corpo é fruto das aquisições cognitivas e orgânicas. É sustentada por três conhecimentos básicos: o movimento, o intelecto e o afeto.

Neste sentido, a psicomotricidade é um termo utilizado para uma concepção de movimento organizado e integrado, em função das experiências vividas pelo sujeito cuja ação é resultante de sua individualidade, linguagem e socialização. (S.B.P.1999 *apud* ALVES, 2007, p. 1).

Segundo dados da Sociedade Brasileira de Psicomotricidade - SBP (2003), as primeiras pesquisas que dão origem ao campo psicomotor correspondem a um enfoque eminentemente neurológico. A partir do século XIX com a necessidade de classificar as zonas

do córtex cerebral, o termo "psicomotricidade" surge nas abordagens médicas, mais especificamente da área neurológica.

A educação psicomotora torna-se relevante, a partir do momento que a educação do movimento se dá através da realização de atividades motoras que possibilitem o desenvolvimento de certas habilidades como: correr, saltar, saltitar, arremessar, empurrar, puxar, balançar, subir, descer, andar e de capacidades físicas (agilidade, destreza, velocidade), que conseqüentemente, refletirão no desenvolvimento cognitivo.

Segundo Molinari e Sens (2002), é através da educação psicomotora que a criança explora o ambiente, passa por experiências concretas, indispensáveis ao seu desenvolvimento intelectual, e é capaz de tomar consciência de si mesma e do mundo que a cerca.

2 Desenvolvimento Psicomotor

O desenvolvimento psicomotor é o resultado de comportamentos não ensinados, que surgem espontaneamente, desde que o indivíduo na infância tenha condições propícias para exercitar-se. Esse desenvolvimento tem como função primordial controlar o corpo até que o mesmo adquira capacidade de aprender com as ações e expressões vivenciadas por cada um, além de estar envolvido com componentes externos e internos.

É também a consequência da maturação de alguns tecidos do nosso organismo, principalmente aqueles que compõem o sistema nervoso central, que segundo Fonseca (2008), a maturação acontece por meio da mielinização de suas células nervosas, além de assegurar um veloz e significativo domínio motor e o crescimento de estruturas ósseas e musculares. Nessa perspectiva, Rosa Neto (2002), afirma que “desde o momento da concepção, o organismo humano tem uma lógica biológica, uma organização, um calendário maturativo e evolutivo, uma porta aberta à interação e à estimulação”. (ROSA NETO, 2002, p. 11).

O indivíduo enquanto feto inicia a sua atividade motora através de movimentos intra-uterinos sendo a partir do nascimento observadas transformações significativas através do seu relacionamento com o meio externo.

As fases do desenvolvimento psicomotor “não devem ser consideradas apenas segundo um quadro de maturação neurológica, mas como resultado de um processo reacional e relacional complexo”. (ALVES, 2008, p. 31). Ou seja, para se desenvolver psicomotoramente é necessário que o indivíduo explore o meio em que vive e interaja com aqueles que o rodeiam.

É importante frisar que quando a criança nasce os seus movimentos acontecem de forma desordenada, sem intenção, sendo apenas movimentos baseados em reflexos. Para Alves (2008), somente por volta dos três meses é que a criança começa a fazer conexões por meio do ambiente externo com intenção de satisfazer seus desejos.

Fonseca (2009) explana que se movimentar é a maneira mais significativa de adaptação do ser ao mundo exterior sendo essa movimentação harmônica e social, fruto de assimilações contínuas do meio em que se está inserido. É válido ressaltar que essa adaptação não acontece mecanicamente e sim inicialmente através de vivências junto à família, onde a criança adquire base e noções para a formação do seu corpo, pois é por meio do conhecimento corporal, que se considera o quanto é importante os sentimentos da criança em todas as fases de seu gradativo desenvolvimento.

Wallon (1970 *apud* FONSECA, 2008) explica a evolução infantil por meio das junções de vários fatores: morfológicos, metabólicos, psicoemocionais, psicossociais, psicotônicos e psicomotores, sendo este último dividido em quatro estádios. O primeiro é o impulsivo, onde a criança é um recém-nascido (GUREWITCH, 1926 *apud* FONSECA, 2008)

e a sua movimentação e reflexos acontecem através de descargas de energias musculares sob a forma de espasmos sem coordenação, significado e intenção.

Nessa fase o bebê supre suas necessidades de sobrevivência dependendo integralmente da figura familiar tendo em seu comportamento características psíquicas tônico-corporais - que é uma linguagem corporal expressada através de gestos e do contato com outro, interligada ao lado emocional. Partindo do pressuposto que o recém-nascido é impossibilitado de suprir suas carências por possuir uma inaptidão motora, o meio no qual ele está envolvido terá que interpretar as mensagens enviadas pela linguagem corporal, e produzir gestos motores como respostas que os satisfaçam para que ocorra assim a comunicação. Vitor da Fonseca pontua que:

A alternância de relações e de interações entre a criança e o adulto que mais proximamente a assiste e cuida vão permitir lentamente que ela diferencie dele a partir das suas próprias ações; a gênese do eu surge a partir do outro, daí a importância da interação precoce que o adulto tem com o recém nascido, quase toda ela baseada em processos corporais, afiliativos, interativos, mímico-gestuais e motores, que dão expressão à sua intencionalidade afetiva e relacional. (FONSECA, 2008, p. 23).

As primeiras experiências psicoafetivas da criança na descoberta de outrem discutida por Lê Boulch também aborda essa fase acrescentando que:

(...) neste período, a criança vai associar a satisfação da necessidade a uma causa exterior a ele. Estabelecerá ligações cada vez mais precisas entre seus desejos, tradução infraconsciente organização pulsional de seu corpo e as circunstâncias conscientes externas. (LÊ BOULCH, 1982, p. 50)

O segundo estágio identificado por Wallon (1928) é o tônico-emocional no qual a criança se encontra dos seis meses de idade até um ano. Nesse estágio, o autor em 1928, relatou que a falta de habilidades motoras do estágio anterior começam a mudar, pois o indivíduo inicia uma movimentação significativa, direcionando-a para alguém ou para algum, pois o movimento nessa fase é considerado o meio de comunicação psíquica, por fazer conexões com o meio exterior.

O indivíduo nessa fase, segundo Alves (2008), demonstra sustentação do corpo através das pernas, além de conseguir equilibrar-se na posição sentada. A visão estimula interesses tátil e visual. É notada uma evolução motora vertebrada, quando a criança evolui da postura deitada para a sentada posteriormente engatinhando, momento no qual ocorre o explorar do espaço onde está inserida, revelando significativas mudanças de atitudes que contribuirão para o seu desenvolvimento global.

Também é nesse estágio que ocorre o manuseio de objetos aumentando a motricidade manual. Wallon (1928) discorre que quando a criança tem um controle da posição sentada as suas mãos ficam liberadas para o total manuseio de objetos, ilustrando assim a teoria filogenética da motricidade humana, evoluindo do *Homo habilis* para o *Homo erectus*, evolução pela qual a criança após dominar a posição sentada, passa para a fase de controlar o corpo contra a ação da gravidade, a qual acontece através do desenvolvimento dos seus mecanismos tônicos motores.

Uma outra característica que merece destaque nessa fase é a emoção. Segundo Fonseca (2008), é um fator primordial e impulsionador da ação, sendo considerada um resultado significativo da relação interafetiva e social, fruto do relacionar-se com os outros. Considerando a figura materna o elo de ligação que transmite cultura.

Nessa perspectiva, Wallon (1963 *apud* FONSECA, 2008) concebe a criança como um ser social, genético e biológico, pontuando a importante relação da função tônica e a

emocional como decisivo no estágio psicomotor tônico-emocional, considerando a tonicidade a base da teoria psicomotora.

O terceiro estágio é o sensório-motor, quando a criança situa-se entre 1 e 2 anos de idade. As ações nesse estágio têm como objetivo satisfazer as necessidades do sujeito. Desta forma são intensificadas as relações interpessoais bem como são potencializadas as emoções e sensações. Ao discorrer sobre essa fase no livro “O Desenvolvimento Psicomotor e Aprendizagem” Fonseca afirma que:

O subjetivo já pode dominar o afetivo, e a correlação entre as experiências motoras e sensoriais torna-se mais evidente, promovendo-se, ao mesmo tempo uma nova faceta na diferenciação entre a criança e o mundo exterior que passa a ser um continente a descobrir, a explorar e a manusear, não só em termos motores mas em termos psíquicos, exatamente porque a motricidade vai desencadear representações e noções das coisas e, conseqüentemente, vai constituir-se como um prelúdio da atividade simbólica. (...) A expressão da psicomotricidade começa, então, a ter mais sentido e significado, ocorrendo uma das passagens mais relevantes do biológico ao psicológico e, deste, ao social. (FONSECA, 2008, p. 27).

Nota-se um período de repetição dos movimentos que promovem a conscientização das ações executadas, tornando inteligente o gesto motor. Ocorre uma relação significativa da criança com o meio ambiente e com objetos, se compararmos ao estágio anterior. A relação sujeito-objeto adquire um papel único no pensamento Walloniano, explanou Fonseca (2008), pois, são imprescindíveis para o desenvolvimento funcional e psicomotor, relacionamento que acarretará o auto-descobrimiento, repetição e a automatização dos gestos, indispensáveis para o aumento da exploração corporal e novas descobertas da criança.

Assimilar um objeto a um esquema de ação é conferir à própria ação, uma estrutura cognitiva. Efetivamente, ao dar-se uma estrutura à ação e a motricidade, a inteligência tem de corroborar a ação, de forma a acomodar-se ao objeto ou ao real. (PIAGET, 1976 *apud* FONSECA, 2008, p. 84). Le Boulch também descreve esse período pontuando que:

A partir do estado objetal, a relação da criança com o mundo entra numa fase intencional, durante a qual vai estendendo ao mundo dos objetos as experiências já realizadas no ambiente humano. Os intercâmbios interpessoais constroem seu temperamento e modelam sua personalidade afetiva. Nesta confrontação com a realidade objetiva, vai desenvolver suas funções cognitivas (LE BOULCH, 1982, p. 55).

A partir das colocações de Piaget (1976) e Le Boulch (1982), pode-se perceber que é através da interação com o meio e o acúmulo de experiências que se fomenta a motricidade, as aquisições cognitivas e conseqüentemente o desenvolvimento psicomotor. Também é no presente estágio que a criança consegue identificar sua própria imagem no espelho, função cognitiva que está totalmente relacionada à formação do eu.

O quarto estágio é o projetivo, no qual compreende o indivíduo dos 2 aos 3 anos de idade, considerada a fase da percepção, imitação e manipulação dos objetos. Segundo Fonseca (2008), é importante que a criança interaja com o objeto manualmente, pois ela só o conhece a partir do momento que o seu corpo age de maneira tátil e cinestésica sobre o mesmo. A ação também é vista como o elo de ligação entre as experiências vivenciadas e uma gama de estímulos que induzem o exercício mental. Le Boulch relata essa fase explanando que: A investigação no mundo dos objetos traduz-se por uma atividade perceptomotora que vai permitir a aquisição rápida das praxias, assegurando o desenvolvimento da função de ajustamento, dando um suporte novo à organização

perceptiva. Por outro lado, a ação sobre o objeto permite à criança experimentar o peso e a resistência do real. (LE BOULCH, 1982, p. 39)

Alves (2008) também descreve essa fase como “(...) a estreita interdependência entre o desenvolvimento mental e motor. A criança (...), interpreta motoramente o que vê e ouve” (ALVES, 2008, p. 29). Levando em consideração as reflexões de Fonseca, Le Boulch e Alves, podemos considerar a atividade mental, cinestésica e gestual, como características primordiais dessa fase, sendo observada a real transição do estágio sensorio-motor em que a emoção induz a ação para o projetivo.

O quinto estágio definido por Wallon é o personalístico no qual entende a criança dos três aos quatro anos de idade, período discutido por Fonseca (2008) como:

A passagem do ato motor ao ato mental opera-se por meio da gnóscia e do reconhecimento do corpo, uma representação vivida experiencialmente e integrada contextualmente, isto é uma integração sensorial e perceptiva da experiência vivida materializada pela motricidade seletivamente diferenciada pela capacidade da criança se auto-reconhecer. (FONSECA, 2008, p. 32).

Esse período é considerado o responsável pela formação da personalidade e da construção do eu, tendo como elementos essenciais que se unificam, a consciência corporal e a linguagem. Le Boulch (1992), diz que o indivíduo dos três aos quatro anos centra-se totalmente no mundo externo através do movimento, interligado à representação corpórea da imaginação respeitando a realidade concreta e os relacionamentos interpessoais exercidos com o mundo real.

A imagem corporal da criança influencia significativamente a atividade psicomotora, havendo uma transição do comportamento motor concreto para o representado por procedimentos psíquicos. Já a inteligência, segundo Fonseca (2008), é manifestada pelo movimento e emoção, que conseqüentemente serão transformados através de expressões e percepções que edificam da ideação à execução das funções psíquicas. Com base naquilo que foi explanado neste estágio, percebe-se que a motricidade seguida da afetividade é essencial para que essa fase se concretize.

Alves (2008), explana a importância de cada fase de desenvolvimento da criança discutida nesse tópico deixando a seguinte reflexão:

Cada período é diferente do outro e, em cada um deles, a criança tem formas peculiares de pensar e de se comportar, determinando e estabelecendo, então, o seu caráter do que pode ser aprendido neste período, o que de melhor a criança é capaz de realizar. (ALVES, 2008, p. 88).

Todos os períodos são significativos para aquisição dos elementos psicomotores como: coordenação motora fina e global, lateralidade, equilíbrio, organização espacial e temporal que são imprescindíveis para práticas de funções intelectuais, psíquicas e motoras em todo o percurso do desenvolvimento infantil.

3 Educação Psicomotora e Autismo

O autismo pode ser considerado uma síndrome comportamental que acarreta problemas no desenvolvimento, seus sintomas podem aparecer antes dos três anos de idade acometendo numa incidência maior nos indivíduos do sexo masculino. Segundo a definição do DSM-IV-TR (2002) O autismo é um transtorno integral do desenvolvimento que envolve

um acentuado déficit na interação social e comunicação, além de abarcar um leque limitado de ações e interesses, alterando suas características de acordo com a idade cronológica e desenvolvimento do sujeito.

As principais regiões cerebrais comprometidas pelo autismo segundo estudos realizados com neuroimagem por meio de tomografia computadorizada e ressonância magnética são o cerebelo, a amígdala e o hipocampo. Siqueira et. al. 2016 ao discutir sobre as regiões cerebrais afetadas pelo autismo pontua que:

O cérebro de uma pessoa autista apresenta falha de comunicação entre os neurônios, dificultando o processamento de informações. Apresenta alterações principalmente no corpo caloso, que é responsável por facilitar a comunicação entre os dois hemisférios do cérebro, a amígdala, responsável pelo comportamento social e emocional e o cerebelo, que está envolvido com as atividades motoras, como o equilíbrio e a coordenação. SIQUEIRA et al. (2016, p. 225)

Para Hamilton et. al. (1983. *apud*. Pereira, Kuczynski, Assumpção et. al., 2005, p.21) O cerebelo, já há muito, tem bem detalhado seu papel relacionado, exclusivamente, ao controle da função motora e oculomotora. Pereira, Kuczynski e Assumpção (2005), também explanam a existência de estudos que comprovam a ação do cerebelo não somente nas funções motora e oculomotora, mas também está envolvido em diversas ações referentes à emoção, cognição, percepção através das funções autonômica, límbica e cortical superior.

Partindo da premissa que o cerebelo é a região do cérebro responsável pela motricidade e o mesmo está envolvido em processos cognitivos, perceptivos e emocionais, percebe-se que uma das maneiras de estimularmos o desenvolvimento intelectual, afetivo e motor da criança com autismo é através da psicomotricidade, pois a mesma contribui significativamente para o desenvolvimento global do indivíduo, promovendo assim um possível controle emocional e motor. Já que as emoções e a motricidade estão alteradas devido a alterações de regiões cerebrais responsáveis pelas mesmas que são o cerebelo e a amígdala.

Segundo Leppos (1994):

Ao educar uma criança autista pretende-se desenvolver ao máximo suas habilidades e competências, favorecer seu bem estar emocional e seu equilíbrio pessoal o mais harmoniosamente possível, tentando aproximá-lo de um mundo de relações humanas significativas. (LEPPOS 1994, *apud* GESTEIRA; OLIVEIRA, 2007, p. 19).

A Educação Psicomotora se coloca no sentido de uma educação que não se restringe apenas ao saber escolar ou então, ao aperfeiçoamento específico da motricidade, porém, dirige-se à formação da personalidade, à sua expressão e organização através das atividades humanas de relação, realização e criação. Esta compreende a educação do ser humano nos seus aspectos corporais, motores, emocionais, intelectuais e sociais (CARVALHO, 1996).

Essa educação deve estar fundamentada em três aspectos: motores, emocionais e intelectuais que estão intrínsecos no agir, no sentir e no pensar. A educação física proporcionará ao indivíduo autista a educação através do movimento, que segundo Sens e Molinari (2003), é o deslocamento do corpo como um todo ou dos membros, produzido como uma consequência do padrão espacial ou temporal da contração muscular. Esse movimento é desencadeado e manifestado pelo corpo, sendo que a ação corporal em si é unidade biopsicomotora em ação.

A psicomotricidade dirigida a criança com autismo não pode apenas limitar-se à mecanização de habilidades, deve desenvolver não somente o corpo, mas o indivíduo de

maneira integral, oportunizando ao educando interagir e integrar-se com o meio em que vive e consigo mesmo promovendo a sua emancipação através de movimentos.

Segundo Kumamoto (2012), em primeiro lugar admite-se que a principal via de acesso a estas crianças é a afetiva, evidenciando-se a necessidade de um vínculo afetivo estável como meio de restabelecer o diálogo tônico. No qual significa a relação e prazer corporal entre dois seres; um exemplo marcante é a relação da mãe com o filho; desde o momento da concepção inicia-se ou pode se iniciar a construção de um diálogo tônico, importante para o desenvolvimento afetivo da criança.

Vayer (1989), reforça explanando que na visão da educação psicomotora é primordial fomentar a habilidade do infante em adquirir o comando das suas ações corporais promovendo assim um desenvolver do esquema corporal necessário para ampliação da afetividade. (VAYER, 1989, *apud* KUMAMOTO, 2012).

Faz-se necessário que o mediador das práticas corporais ministradas a crianças com autismo tenha cautela e tente ganhar a confiança dos mesmos gradativamente, pois uma das características desse transtorno é a dificuldade de socialização, sendo assim é pouco provável que a criança com autismo corresponda psicomotoramente na primeira tentativa do mediador. Já que tem problemas psíquicos relacionados a não interação com o outro e com o meio em que está inserido, não existindo assim uma simbiose entre o sujeito e o meio. KUMAMOTO, 2012 discorre sobre explanando que:

Os progressos nem sempre são rápidos e evidentes, o que muitas vezes angustia os pais, educadores e até mesmo o terapeuta que precisa ter sempre em mente que um processo que foi primeiramente doloroso gerando uma necessidade de proteção contra o meio exterior impossibilitando as formas mais elementares de comunicação (...) (KUMAMOTO, 2012 p. 237)

O artigo “Autismo uma Abordagem Psicomotora” retrata muito bem a quebra gradual desse bloqueio por meio de intervenções com a psicomotricidade no trecho abaixo:

À medida que a criança começa a reconhecer sua individualidade, seu corpo se torna instrumento de ação e interação com o mundo. No início isso se faz de forma rudimentar, evoluindo à proporção que as intervenções terapêuticas facilitam a recuperação das etapas bloqueadas do desenvolvimento psicológico. (KUMAMOTO, 2012 p. 237).

Um meio pertinente de se introduzir a educação psicomotora para crianças autistas é através de aulas de Educação Física, explana os autores Gesteira e Oliveira 2007:

O enfoque principal dado pela Educação Física na atenção a criança autista será o trabalho realizado no desenvolvimento global. Através da exploração motriz, ela terá capacidade de desenvolver a consciência de si mesma e do mundo exterior. Torna-se necessária, também o professor considerar que o movimento humano é carregado de intencionalidade e atitudes, desta forma, o professor deve oportunizar ao aluno o desenvolvimento de sua linguagem corporal para se comunicar e demonstrar suas potencialidades. (GESTEIRA; OLIVEIRA, 2007, p. 05).

Sendo assim, a Psicomotricidade como meio de intervenção no tratamento psicomotor da criança com autismo tem como prisma oferecer a criança oportunidade de mover-se, usando da criatividade, significa estabelecer experiências que propiciarão desenvolver habilidades motoras fundamentais por meio de padrões básicos de movimento. (BALDÉ, 2009). Esse movimento terá que ser estruturado harmoniosamente de acordo com as condições ambientais e emocionais de cada indivíduo.

4 Considerações Finais

A partir da temática abordada conclui-se o quanto é importante uma Educação Psicomotora como forma de intervenção no tratamento de crianças com autismo, com o intuito de promover um desenvolvimento integral do indivíduo.

O movimento pode ser considerado objeto de aplicação e estudo desenvolvendo, assim, as valências motoras dos indivíduos, especialmente em crianças autistas na primeira e segunda infância; principalmente nesta última, porque é quando força e habilidades motoras simples e complexas aumentam, sendo uma oportuna fase de oferecer a esses indivíduos inúmeras possibilidades, no intuito de promover-lhes um amplo desenvolvimento psicomotor.

Portanto, é importante estudar as relações mantidas entre os diversos elementos do desenvolvimento motor da criança autista, muitas vezes um elemento psicomotor pode apresentar uma aquisição rápida como, por exemplo, o andar, entretanto podem vir acompanhados por uma lenta evolução (da higiene pessoal). Enfim, a criança não se “desenvolve de forma regular e progressiva, mas um pouco como a evolução histórica da humanidade, por ‘saltos qualitativos’ que se seguem a períodos de lenta maturação e são sucedidos por rupturas, revoluções” (COSTE, 1981, p. 53). Desse modo, observa-se que acelerar ou pular etapas desse desenvolvimento é prejudicial, pois, é preciso que a criança possa integrar cada um de seus processos, antes de adquirir um novo tendo em vista um atraso psicomotor existentes em autistas.

Segundo Molinari e Sens (2002), é através da educação psicomotora que a criança explora o ambiente, passa por experiências concretas, indispensáveis ao seu desenvolvimento intelectual, e é capaz de tomar consciência de si mesma e do mundo que a cerca.

Na busca de conhecimento sobre as valências motoras como: motricidade fina e global, equilíbrio, esquema corporal, organização espacial e temporal e lateralidade, o presente estudo verificou que pesquisas na área da psicomotricidade infantil são relevantes, para o aperfeiçoamento das valências motoras de crianças com autismo que serão beneficiadas, visto que, não somente na educação, mas por toda uma gama de benefícios que serão adquiridos em diversas áreas de estudo sobre corpo em movimento.

Estudos comprovam a importância da Educação Física no desenvolvimento motor, afetivo, e cognitivo de autistas; é o que retrata os autores Gesteira e Oliveira (2007), no trecho abaixo:

Excelentes resultados foram obtidos em instituições que utilizam como meio de integração social o esporte. A meta da Educação Física é justamente melhorar a integração social e a comunicação da criança e adolescente com autismo, fazendo com que tenha uma grande influência no comportamento estereotipado, chegando até desaparecer alguns desses sintomas. (GESTEIRA; OLIVEIRA, 2007).

Sendo assim a introdução significativa da Educação Física, ou seja, desenvolver a área do conhecimento do movimento de forma sistematizada condizente com a concepção de criança autista e associá-la às aprendizagens afetivas, psicológicas e motoras que compõem princípio do trabalho da Educação Psicomotora é indispensável no desenvolvimento do autista.

REFERÊNCIAS

ALVES, Fátima. Psicomotricidade: corpo, ação e emoção. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

Diamantina Presença “Educação e Pesquisa” – Vol. 2, Nº. 1, p. 78-87, 2019

ALVES, Ricardo C. S. Psicomotricidade I. Disponível em: www.psicomotricialves.com.

BALBÉ, Giovane Pereira. Educação Física e suas contribuições para o desenvolvimento motor na educação infantil. Revista Digital - Buenos Aires, ano 13, n 129.

CARVALHO, Elda Maria Rodrigues de. Tendências da educação psicomotora sob o enfoque walloniano. *Psicol. cienc. prof.*, set. 2003, vol.23, no.3, p.84-89. ISSN 1414-9893

COSTE, Jean-Claude A Psicomotricidade. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 4.ed, 1981.

FONSECA, Vitor da. Desenvolvimento Psicomotor e Aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GESTEIRA, Franklin Suzart, OLIVEIRA, João Danilo B. Os professores de educação física na atenção a pessoa com autismo: um estudo das representações dos profissionais da equipe multidisciplinar: In Motricidade Online. Disponível em: <http://www.motricidade.com/index.php/formacao/485>.

LE BOUCH, Jean. O desenvolvimento psicomotor do nascimento até 6 Anos: a psicocinética na idade pré-escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

KUMAMOTO, Laura Helena M. C. C. Autismo – uma abordagem psicomotora. In *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, V.5, Nº 2, pp. 231-238 Disponível em: <http://www.revistaptp.unb.br/index.php/ptp/article/view/1373/367>.

PEREIRA, Adriana; KUCZYNSKI Evelyn; ASSUMPÇÃO, B Jr Francisco. Autismo associado à síndrome de dandy-walker: relato de caso (autism associated to dandy-walker syndrome: case report) in *Revista Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal* 99(4): 21-23; Out/Nov/Dez. 2005 <http://www.psiquiatriaainfantil.com.br/artigo.asp?codigo=6>.

SIQUEIRA, C.C. et al. O cérebro autista: a biologia da mente e sua implicação no comprometimento social. *Revista Transformar*. V. 8, n. 8. 221-237. 2016.

WALLON, Henri. Do ato ao pensamento: Ensaio de Psicologia Comparada. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.